

## O QUE PODE A TEORIA DA LITERATURA E A LITERATURA NO ENSINO?

### WHAT CAN THE THEORY OF LITERATURE AND LITERATURE IN EDUCATION?

Viviane Cristina Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio, fruto da participação na I Jornada de literatura, artes e ensino, apresenta algumas breves reflexões sobre a validade e pertinência do estudo de literatura e de teoria literária em sala de aula, seja na universidade, seja no ensino médio e fundamental. Sem a pretensão de elaborar soluções ou respostas definitivas para questões que envolvem o estudo de teoria e do texto literário, nestas páginas arrisco-me à problematizar as possibilidades e a potência do encontro entre leitores, literatura e teoria literária rememorando, sobretudo, as relações de poder e prazer aí mobilizadas.

**Palavras-Chave:** Literatura; Teoria Literária; Ensino; Poder.

**Abstract:** This essay, result of a participation in the I Literature, arts and education Journey, presents some brief reflections about the validity and relevance of the literature and literary theory study in the classroom, at the university or the elementary school. Without intending to develop solutions or definitive answers to questions that involves the study of theory and literary text, I intend at the next pages to discuss the possibilities and the power of the relationship between readers, literature and literary theory reminiscing, especially, the power and the pleasure that mobilized then.

**Keywords:** Literature; Literary theory; Teaching; Power.

Em conto intitulado “O Livro de areia”, Jorge Luis Borges apresenta ao leitor um narrador angustiado diante da impossibilidade de leitura e compreensão de um livro cujas páginas eram infinitas, assim como o seu conteúdo, constantemente em movimento. Incontáveis e inapreensíveis como a areia, tais páginas eram ao mesmo tempo um presente pelo fascínio que exercem sobre o homem letrado, colecionador de livros, e uma maldição em função da angústia diante do que não pode ser domado ou decifrado. Assim seja, talvez, nosso prazer e angústia em face da literatura, mobilizadora de uma busca incansável, via teoria, por possíveis especificidades e funções que a definiriam mesmo à revelia de seu caráter tão

---

<sup>1</sup> Professora assistente do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, câmpus de Porto Nacional. Mestre pela Universidade Federal de Uberlândia e doutoranda pela Universidade Federal de Minas Gerais.

múltiplo, vislumbrado nas incontáveis formas e páginas que assume, tal como a areia ou o livro de areia.

Não almejando a estabilização de respostas sobre a teoria literária e a literatura, o que frequentemente ensaiamos ainda que nosso objeto de estudo costumeiramente nos escape, e arriscando-me repetir alguns lugares comuns ou equívocos, risco próprio do ofício de ler e “ensinar” teoria, gostaria, dentre os inúmeros caminhos para se abordar tema tão extenso e complexo, de escolher uma via de aproximação do mesmo: o poder, enquanto verbo e substantivo. Em outras palavras, diante da questão proposta nesta jornada, “O que pode a teoria da literatura e a literatura no ensino?”, gostaria de partir inicialmente da expressão “O que pode?”.

O verbo poder abarca não somente o significado de possibilidade (eu posso, tenho possibilidade de, sou capaz de), como também de autoridade, do que sua derivação substantiva se torna evidência da correspondência com o mando e a posse. Interessante notar que ao falarmos de literatura e teoria da literatura estamos lidando também com questões relacionadas ao poder, à possibilidade de produção e leitura dos textos, bem como ao poder de acesso, classificação e uso da palavra literária.

A separação entre supostas altas e baixas literaturas, o popular e o erudito, o centro e a periferia, a composição de cânones e listas que pautam a produção de livros didáticos, manuais de literatura e mesmo as histórias das literaturas nacionais são índices das relações de poder, de autoridade, que permeiam as produções culturais. Fala quem, a partir de alguns lugares, está autorizado a falar (tal foi a reflexão de Spivack em “Pode um subalterno falar?”). Assim, ao tratar da arte e da política, Jacques Rancière utiliza a expressão “partilha do sensível” para refletir sobre os diferentes modos, desde a Grécia antiga à pós-modernidade, que os corpos partilharam espaços, tempos, palavras, atividades. Partilhar não é somente agregar em um espaço comum, é também dividir a parte que cabe a cada um.

Na partilha do sensível, diferentes serão as partes concedidas a uns e outros em função de suas atividades ou posições sociais. Em outros termos, pensando no caso da literatura, há uma cultura letrada, por muito tempo associada a uma classe, e mesmo gênero específico (o masculino), que “julgou” o que deveria ser lido ou como deveria ser lido, excluindo aqueles ligados a culturas orais ou saberes não disciplinares/ disciplinados, para usar expressão de Foucault. Um conto de João Guimarães Rosa e algumas leituras que o recepcionaram, talvez, exemplifiquem e nos permitam problematizar esta questão.

Em “Famigerado”, publicado no livro de contos *Primeiras estórias*, um narrador letrado nos conta um “evento”, “tese para alto rir”, afinal “Quem pode esperar coisa tão sem

pés nem cabeça?” (ROSA, 2001, p. 56-61). O evento é a chegada de um “grupo de cavalheiros”, Damázio dos Serqueiras e três homens, o primeiro, com ar ameaçador, parecia mandar nos demais, pelo seu procedimento “só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe” (ROSA, 2001, p. 57). O jagunço procura o homem letrado para “perguntar uma opinião”, perguntar o que significava famigerado, do que lhe chamara um moço do governo que chegara na Serra do São ão. “ – Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem têm o legítimo – o livro que aprende as palavras... É gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias” (ROSA, 2001, p. 59), explica o jagunço ao homem de letras, justificando o porquê o procurava. Diante da pergunta e sentindo-se ameaçado, aquele que participa do saber disciplinado, pelos dicionários por exemplo, valendo-se da dubiedade da palavra, irá esclarecer que famigerado é célebre, que merece louvor, respeito. Satisfeito com a resposta, Damázio dispensa suas testemunhas e, enfim, pode conversar cordialmente com o narrador.

Em um primeira leitura salta aos olhos a astúcia do narrador, que soube vencer a situação de perigo utilizando seus conhecimentos de homem letrado, “superior” em inteligência ao jagunço, motivo da “tese de alto rir”. Assim, José Miguel Wisnik o considera um Pedro Malasartes erudito, que vence pela astúcia a “batalha” contra o jagunço. Outra possível leitura, que aqui nos interessa, teceu Luís Bueno ao ensaiar desentranhar das primeiras estórias de Rosa, as segundas<sup>2</sup>. Bueno desentranha o que seria a segunda história do conto, aquela em que o astuto pode não ter sido o narrador. Damázio não seria assim “ignorante”, um jagunço em busca de uma resposta para não cometer um crime, sendo que o poderia fazer a qualquer momento. Seus gestos, a maneira como se demorou para realizar a pergunta, em uma “conversa para teias de aranha” (ROSA, 2001, p. 59), como destaca o narrador, o fato de trazer testemunhas, podem atestar que, de fato, ele é que usara o narrador para livrar-se de uma situação difícil.

Na conversa, Damázio explica que “não quero questões com o Governo, não estou em saúde nem idade... O rapaz, muitos acham que ele é de seu tanto esmiolado...” (ROSA, 2001, p. 58). Vivendo em tempos de modernidade e interferência governamental em questões antes tratadas no campo da honra e vingança, o jagunço não deseja tomar uma medida violenta, que poderia lhe trazer complicações. Ao atemorizar seu interlocutor culto com sua “rudez primitiva” (ROSA, 2001, p. 59), ele obtém a resposta que deseja diante de suas testemunhas, a da não existência de desfeita por parte do moço do governo que, pelo contrário, o enaltecia

---

<sup>2</sup> Luís Bueno no artigo “Segundas estórias: uma outra leitura de Famigerado”, propõe a tese de que Rosa não publicou as Segundas estórias porque estas já estavam contidas nas Primeiras.

chamando-o de célebre. Assim, narrador e jagunço despedem-se sem que de fato, para Bueno, um deles saia vencedor nessa “figuração complexa que coloca em relação diferentes sistemas de valores sem elidir nenhum deles” (BUENO, 2014, p.162). Ainda nas palavras de Luís Bueno, em “Famigerado”,

não se afigura mais como uma simples diminuição do jagunço. Sim, a diminuição está lá, mas não como efeito total ou único da leitura. Restringe-se ao ponto de vista do narrador, à avaliação que faz sobre si mesmo e sobre aquele outro inculto – e a uma certa cumplicidade que ele estabelece com o letrado seu irmão, justamente o leitor, que, partilhando do julgamento de sua própria superioridade sobre o jagunço, pode rir com ele daquele que não é mais assustador porque não passa de um simplório, com isso mostrando-se, ele próprio, cego à inteligência desse outro (BUENO, 2014, p. 163).

Na partilha do sensível, o homem letrado, vinculado ao saber disciplinado da escrita, põe-se em relação conosco, participantes dessa comunidade de leitores ligados pelo que Jacques Derrida intitulou estranha instituição: a literatura. Flertando sempre com seus próprios limites, a literatura parece tudo conter, abarcando as representações de poder e a subversão das mesmas – caso do conto “Famigerado”, em que coexistem o homem “culto”, com sua suposta superioridade, e o jagunço, habitante das margens de uma modernidade ligada às letras e ao direito estabelecido pelo governo.

Neste sentido, vale retornar à pergunta que nos mobiliza neste debate: o que pode a literatura e a teoria da literatura no ensino? Considerando o texto literário a partir de seus espaços e práticas institucionalizadas (a teoria e o ensino), ele pode, enquanto poder e possibilidade de representação, afirmação, questionamento e problematização das relações sociais, das partilhas do visível e do invisível, encarnar o espaço privilegiado de diálogo, debate e tradução entre culturas.

Em texto intitulado “A teoria em crise”<sup>3</sup>, Eneida Maria de Souza comenta o cenário da produção crítica brasileira, desde as notas de rodapé nos jornais nas décadas de 30 a 50 à produção acadêmica nas universidades, especialmente a partir da década de 70 com a abertura de cursos de pós-graduação. Ao constatar um certo incômodo da crítica contemporânea frente a novas propostas teóricas, especialmente aquelas que diluem algumas fronteiras como os estudos culturais, a autora destaca a validade do caráter plural das tendências contemporâneas em uma defesa da interdisciplinaridade, a qual não pulverizaria diferenças ou limitaria campos teóricos. Em tempos de profundas transformações e deslocamentos, diz Eneida, precisamos “trocar o caminho tranquilizador do reconhecimento pelo do saber em processo” (SOUZA, 2002, p. 73).

<sup>3</sup> In SOUZA, Maria Eneida de. *Crítica Cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

Aliás, a crise parece constantemente vir à tona em algumas reflexões sobre a teoria literária e o ensino de literatura, especialmente no ensino fundamental e médio. Para Derrida este parece ser um traço inerente à própria literatura. Ao propor reflexões sobre a especificidade do objeto literário, sua função e condição, o teórico francês dirá que a história da literatura se constrói como ruína. Em suas palavras,

tendo em vista a estrutura paradoxal dessa coisa que se chama literatura, seu início é seu fim. Começou com certa relação para com sua própria institucionalidade, ou seja, para com sua fragilidade, sua ausência de especificidade e de objeto. A questão de sua origem foi imediatamente a questão de seu fim. Sua história se constrói como a ruína de um monumento que basicamente nunca existiu. (DERRIDA, 2014, P. 60)

A literatura flerta constantemente com seus limites, por isso não se renderia a somente um caminho teórico de especificação de seus temas, meios e fins. No Brasil, podemos arriscar dizer que da intensa presença dos estudos estruturalistas na década de 60 à atualidade, percebemos uma multiplicidade de métodos, nem sempre tão claros, uma diluição de fronteiras que, se por um lado dinamiza os estudos literários, por outro nubla a consciência dos caminhos que se quer assumir em relação ao objeto de estudo e ao outro, aquele com quem desejamos nos comunicar pela escrita e/ ou pela prática em sala de aula.

Há que se ter um compromisso com a teoria, como o frizou Homi Bhabha que, ocupando um espaço de fala que desloca a teoria de seu fechamento institucional/ cultural (há tempos não é somente o europeu quem fala), destacou a importância de se perceber o campo teórico em seu potencial para a mudança e a inovação, sem ignorar sua história institucional que fez do outro “o corpo dócil da diferença” (BHABHA, 2013, p. 64). Desde a década de 20 do século passado, o “outro”, o não europeu, ensaia demonstrar que os corpos da diferença não são dóceis, estáticos, plasmados para sempre sem voz no discurso que os “representa”, mas não lhes pertence. Este o caso da revista *Marcha* no Uruguai, publicação que reuniu diversos intelectuais da América Latina, incluindo Hugo Achugar que, em seu livro *Planetas sem boca*, discute o que seria na falta de voz, o balbúcio teórico latino-americano.

Acredito que a universidade seja o espaço para esta discussão teórica compromissada com o texto literário, com a realidade e com as outras culturas, afinal como disse certa vez João Alexandre Barbosa, literatura nunca é apenas literatura. Compreendendo a teoria como os caminhos possíveis de acesso e potencialização do texto literário, e não o contrário – a teoria não deveria prescindir ou preceder a própria literatura, assim como a literatura não deveria invalidar o exercício teórico, é importante torná-la instrumento eficaz em uma prática

pedagógica que não somente problematize, mas proponha meios de construir novas pontes entre escola e universidade, leitores e texto literário; pontes entre lugares, entre culturas.

Recentemente, em palestra ao programa de pós-graduação em estudos literários da Universidade Federal de Minas Gerais, Eneida Maria de Souza revisitou seu texto de 2002, acima mencionado. Ainda lidando com crises e com seu estatuto fronteiriço, a teoria viveria contemporaneamente um rico momento de reconfiguração. Conferindo novo estatuto ao ato de teorizar, associando-o à ficcionalização, Eneida indica a possibilidade de revigoramento da literatura via teoria ou ficção teórica, uma vez que algumas composições críticas exercitam uma escrita próxima à da criação literária, ou ainda, alguns textos literários valem-se dos recursos da crítica que desestabilizam regras e normas de interpretação. Nesse sentido, a teoria não sobrepõe-se à literatura, tampouco a literatura afasta a teoria, inclusive de sua tessitura, como o vemos em Borges, Silviano Santiago e Ricardo Piglia, por exemplo. Nas palavras de Eneida,

A revitalização da literatura seria, nesses termos, provocada pela justa apropriação do exercício teórico, no qual a prática da noção de sobrevivência incentiva o diálogo entre ficção e teoria, desde que a superposição de ambas as categorias resulte na revitalização de uma por meio da outra. O sopro teórico irrompe no discurso literário e vice-versa, concedendo-lhes inteiro vigor, por meio da operação intertextual, em que se subverte a primazia de um registro em relação ao outro. (SOUZA, 2016)<sup>4</sup>

Nesse sentido, ao considerar teoria e a literatura em trânsito e diálogo, ambas animadas por gestos de criação, a autora nos encaminha à reflexão sobre a possibilidade da quebra ou, ao menos, da desestabilização da relação de poder que certo exercício teórico impõe sobre seu objeto de estudo, especialmente no âmbito acadêmico. Sem a primazia de um sobre o outro, amplia-se a potencialidade e as possibilidades de, inclusive, despertar o prazer dos leitores diante do texto literário e crítico. Prazer frente à liberdade, transdisciplinar, de leitura e, talvez, também angústia diante do que parece se tornar mais impreciso, tal como o livro de areia imaginado por Borges. Como produção múltipla e instável que é, a literatura e as teorias que mobiliza podem validar e reafirmar relações de poder e, por outro lado, questioná-las ensaiando sua desestabilização.

Como no mencionado conto de Guimarães Rosa, em que a perspectiva do homem letrado se mantém em primeiro plano, mas conseguimos especularmente perceber o outro, o jagunço, não mais como corpo dócil e sem voz, mas o astuto também capaz de manipular armadilhas do discurso, a literatura nos permite, com mais intensidade contemporaneamente,

---

<sup>4</sup> SOUZA, Eneida Maria de. *Teorizar é metaforizar*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG, 2016. Texto não publicado.

ouvir, resgatar e dialogar com temas, corpos e vozes antes marginais ou silenciados (negros, moradores de periferia, mulheres...). Ainda podemos, em tempos de tensão e extremismos, crer que a literatura, pelas vias institucionais ou não, em sua forma mais intensamente elaborada ou menos a ponto de ser considerada de “massa”, é um direito como o sugeriu Antonio Candido em conferência de 1988 ainda recorrentemente mencionada. Direito porque imprescindível, porque nos ajuda a viver, ou, como sugeriu Umberto Eco, porque nos ensina a morrer, lição maior de nosso fado ou destino. Em sua essência e sua iminência política, o texto literário e a teoria que deve com ele dialogar, iluminá-lo e não nublá-lo, não devem ser alijados das reflexões escolares, nem abandonados por desistência, desestímulo ou descrença.

Afinal, é trágico quando não podemos sequer imaginar que uma flor rompa o asfalto e o automatismo dos dias e dos tempos, como o dirá Drummond em “A Flor e a náusea”, poema no qual as relações de classe se insinuam como prisão e automatismo, mas também como possibilidade de percepção do que lhe escapa: a flor, o poema.

Preso à minha classe e a algumas  
roupas, vou de branco pela rua cinzenta  
Melancolias, mercadorias espreitam-me  
Devo seguir até o enjoo?  
Posso sem armas, revoltar-me?  
(...)  
As coisas. Que tristes são as coisas,  
consideradas sem ênfase (ANDRADE, 2000, p.15)

Sem armas revoltar-se, talvez, seja possível pela palavra, a palavra poética e também pela palavra de uma teoria aberta à criação, cuja realização e recepção se dê ao menos com ênfase por nós leitores de um circuito acadêmico, responsáveis pela formação de leitores nas escolas e universidades. Como disse o poeta, os gestos mais cotidianos da vida, os atos de leitura e escrita diários ou não, por escolha ou recomendação escolar, são tristes se considerados “sem ênfase”, sem o prazer que descobre novos e diferentes modos de, inclusive, compreender a literatura em suas possíveis definições e funções.

## Referências

- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BORGES, Jorge Luis. “O livro de areia”. In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. vol. 3. São Paulo: Globo, 1999.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BUENO, Luís. *Segundas estórias: uma outra leitura de “Famigerado”*. Em *O eixo e a roda – Dossiê Outros Estudos de Poesia Brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, vol. 23, n. 1, p. 147-164.

CANDIDO, Antonio. “O Direito à literatura”. In *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org; Editora 34, 2009.

ROSA, João Guimarães. “Famigerado”. In *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SOUZA, Maria Eneida de. “A Teoria em Crise”. In *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 63-74.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode um subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.